



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

DANIEL VIANA DUARTE

GOETHE E *WELTLITERATUR*: POR UMA LITERATURA SEM FRONTEIRAS

Brasília

2012

DANIEL VIANA DUARTE

GOETHE E *WELTLITERATUR*: POR UMA LITERATURA SEM FRONTEIRAS

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientador o professor Dr. Amauri Rodrigues

Brasília

2012

DANIEL VIANA DUARTE

GOETHE E *WELTLITERATUR*: POR UMA LITERATURA SEM FRONTEIRAS

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora o professora Dr. Amauri Rodrigues.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Maria Eneida Matos da Rosa – UniceuB

Ana Luíza Montalvão Maia – UniceuB

Danúzia Gabriela Florêncio – UniceuB

RESUMO

Este trabalho discorre sobre a classificação “literatura nacional” feita pelos cânones literários e academias de maneira a desmitificá-las, usando para isso o conceito de *Weltliteratur* cunhado pelo escritor alemão Goethe em 1827. Pretende-se mostrar como a literatura é restrita a classificação de nacional e como o leitor no ato de ler e interpretar acaba cerceando a literatura de seus verdadeiros valores universais, se prendendo unicamente em seu contexto de produção ou no espaço físico representado na obra. Objetiva-se aqui, demonstrar que para formar leitores de visão mais ampla deve-se olhar para a obra literária de maneira menos limitadora, percebendo a capacidade que o discurso tem de interagir com diversas visões e experiências do leitor. Essa emancipação do leitor ocorrerá à medida que o leitor perceber que ler e interpretar é um processo democrático no qual ele deve sempre deixar de lado a nacionalidade da obra literária e enxergar a universalidade do discurso literário para que possa conhecer e correlacionar o discurso com outras culturas.

Palavras-chave: Literatura, Nacionalidade, *Weltliteratur*, Leitura, Universalidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	<i>WELTLITERATUR E LITERATURA</i>	6
3	UMA VISÃO GLOBALIZADA DA LITERATURA	12
4	CONCLUSÃO.....	18
6	REFERÊNCIAS	19

1 - INTRODUÇÃO

A literatura pode ser usada como instrumento para ampliar a visão do leitor para a diversidade cultural existente no mundo e abrir novas visões, proporcionando novas lições. É por meio do conceito de *Weltliteratur* criado por Goethe no início do século XIX, que verificaremos o porquê de encararmos a literatura uma arte sem fronteiras onde os discursos criados podem ultrapassar fronteiras, regiões e épocas.

Compreender a literatura por meio do conceito de *Weltliteratur*, criado por Goethe, pode no âmbito do ato de ler, influenciar uma leitura dos discursos literários, para formar leitores de visão mais ampla a respeito da literatura, portanto do mundo, aumentando sua criticidade a respeito do discurso literário.

Esses leitores conscientes de que a literatura tem o seu lado universal são capazes de levar o discurso literário a transpassar culturas e épocas, desmistificando a produção literária como sempre foi vista, de forma regional, onde se criou um conceito segundo o qual literaturas produzidas em diferentes países tornam-se específicas daqueles determinados países. No conceito de Goethe a produção literária possui aspectos que a torna universal e transnacional.

É por isso que é preciso discutir o que é e como o conceito de *Weltliteratur* pode nos dar uma visão diferente sobre a literatura, partindo do conceito de Goethe sem que sejam desprezados os valores regionais nela presentes “buscar no nacional o que há de universal, mas também no sentido inverso: em meio ao universal, resgatar o que existe de nacional” (Heise 2000, pag. 82). E também entrever como a condição humana é um fator intrinsecamente ligado à literatura mundial (*Weltliteratur*) e como independente do contexto em que a obra literária tenha sido criada, como ela pode ser levada a diferentes contextos e épocas.

Para atingir os objetivos propostos concentra-se em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo procurando usar obras que discutam assuntos como literatura, literatura comparada e *Weltliteratur*, leitura e interpretação.

Primeiramente identificaremos a relação da literatura com a sociedade e a condição humana. Logo depois faremos um apanhado do que se tem sobre a literatura comparada, o que ela propõe como objeto e o que ela procura empregar para análise literária e sua relação com a *Weltliteratur*. Conceituaremos com base em textos escritos sobre *Weltliteratur*, qual o conceito e concepção de literatura mundial criado por Goethe, e que influência ela pode ter no ensino de literatura nas escolas.

2 – *WELTLITERATUR E LITERATURA*

Não podemos deixar de afirmar que uma das formas de arte que mais se aproxima da realidade cultural e sociopolítica de um país é a literatura. Nesse caso, no decorrer de sua história, conseguiu demonstrar os mais diferentes valores culturais e sociais existentes no mundo. A literatura caracteriza-se como caixa de ressonância da sociedade, refletindo todos os movimentos, pensamentos e ideologias pertencentes ao local, região e país em que foi concebida. Durante séculos a literatura vem realizando esse trabalho, e quando atravessa alguma fronteira, chega a outro país, leva consigo uma gama de discursos e ideologias de seu local de origem, possibilitando ao leitor conhecer e até entrar em contato com a cultura, história, ideologia e questões sociais em que está inserida a obra. Contexto esse até então desconhecido para o leitor, portanto, a literatura também funciona como instrumento de informação e possibilita àquele que lê entrar em contato com as mais diferentes épocas e contextos sociais, políticos e culturais.

Desde o início de sua produção na Grécia antiga¹ a literatura nos possibilita conhecer parte da história das civilizações e suas culturas, por isso é de extrema importância que o ensino e a aprendizagem de literatura estejam vinculados ao contexto histórico e cultural do espaço em que a obra foi produzida. A literatura é manifestação que dialoga com as mais diversas áreas dos saberes, num diálogo que tem como fio condutor o homem, peça indispensável na produção e ação literária desde sua origem. A literatura é a arte da provocação e da inquietação. Provoca a beleza, espanto, encanta, surpreende, recria e cria. Com ela, sentimentos como o amor, a raiva, o ciúme, a esperança, a tristeza, a alegria, o desejo, a inveja, a amizade e tantos outros, recontam a história do homem. Seres comuns, divinos, fracos, homens, bichos e deuses, meros objetos, nada nem ninguém passa impune, ou imune, pela obra literária.

A literatura, desde a Grécia antiga, vem sendo concebida normalmente como texto, que é um produto das mãos humanas e é nele que podemos achar testemunho material e eloquente da história da humanidade. Dela se depreendem o esforço da criação individual e todo o produto sociocultural e econômico de uma época, um povo, uma região, um país. Sua leitura e compreensão exigem do leitor a competência de contextualizar a obra escolhida para facilitar o entendimento. É uma forma de abordar o conteúdo ou mesmo situar tal fato no tempo, no espaço, e no universo em que está envolvida, situando a literatura dentro de um

¹ Referência à cultura ocidental.

contexto sócio político, cultural e social, permitindo extrair da determinada obra todo o arcabouço cultural e social existente dentro dela. É também inerente à leitura descontextualizar e recontextualizar a obra, ou seja, tirar a obra do contexto em que foi produzida e inseri-la em um contexto atual. Logo após o processo de descontextualização o leitor deve recontextualizar a obra num jogo que deve marcar a leitura como um todo atribuindo à obra um novo sentido no campo do próprio discurso literário.

O ato de leitura não pode somente se prender ao nível das ações individuais dos personagens, pois é por meio do discurso presente na obra literária que o homem pode tomar para si, experiências que ainda não foram vivenciadas. É no discurso que estão presentes embates e discussões que envolvem os mais variados temas cotidianos da sociedade. Seja de forma local, regional, nacional ou universal, essas discussões proporcionam ao leitor tomar mais ampla sua percepção a respeito dos fatos sociais, culturais e políticos que ocorrem na sociedade. Observemos a seguinte colocação de Carvalho (2006):

O processo de leitura da literatura contribui para a formação do sujeito não só enquanto leitor, mas, sobretudo como indivíduo historicamente situado, uma vez que a interação texto-leitor promove o diálogo entre o conjunto de normas literárias e sociais presentes tanto no texto literário quanto no imaginário do sujeito. [...] Isso significa a ampliação de horizontes, visto que a incompleta identificação obra-leitor, a partir do embate de diferentes normas literárias e sociais, obriga o indivíduo a pensar sua condição socio-histórica, tendo como consequência uma possível mudança de postura diante da sociedade (CARVALHO, 2006, p. 127 e 128).

A leitura deve ter como prioridade tomar a literatura um instrumento de conhecimento, algo que amplie a visão do mundo e das sociedades. Algo que proporcione a interação entre pessoas, povos, contextos e discursos. Mas não se pode afirmar que ela encontra-se apenas no texto, no autor e nem no leitor. Segundo Candido (1967, p. 20), ela constitui-se de forma dinâmica envolvendo diversos fatores externos e internos, tornando-se intensamente dialética. Quando a literatura age sobre o leitor causando inquietações e perplexidade o processo de leitura contribui em sua formação assim como citado por Carvalho (2006), mas também promove uma interação entre leitor e texto provocando um choque entre um conjunto de elementos contidos no texto (em seu discurso) com o conhecimento de mundo do leitor.

Analisando os **Parâmetros Curriculares Nacionais** (2000), podemos perceber uma posição equivocada, pois pouco se fala da literatura como agente de interação intercultural ou mesmo do discurso fortemente presente na obra literária, prendendo-se em uma visão regional, a qual considera a literatura unicamente como manifestação regional/nacional sem

perceber seu caráter universal. Discute a literatura como elemento manifesto da linguagem, simbólico verbalizado, instrumento de legitimação da língua e de seus costumes.

A literatura é um bom exemplo de simbólico verbalizado. Guimarães Rosa procurou no interior de Minas Gerais a matéria-prima de sua obra: cenários, modos de pensar, sentir, agir, de ver o mundo, de falar sobre o mundo, uma bagagem brasileira que resgata a brasilidade. Indo às raízes, devastando imagens pré-conceituosas, legitimou acordos e condutas sociais, por meio da criação estética (BRASIL, 2000, p. 20).

A posição explicitada acima é verdadeira, mas é castradora e equivocada, à medida que retira da literatura sua relação com o mundo, já que a literatura está diretamente ligada também ao fatos que acontecem na sociedade e contexto de produção, a literatura não pode ser considerada somente manifestação de uma língua, mas de toda uma gama de costumes, maneiras e peculiaridades de uma sociedade, além de propor em seu discurso um montante de questionamentos sobre o que acontece em volta da sociedade e da própria condição humana.

Ou seja, os PCN's vêem a literatura de forma menos ampla, onde se olha apenas para suas características regionais, propondo o uso da literatura para a desconstrução do preconceito linguístico, mostrando costumes de determinadas regiões, lugares dentro de um mesmo país, peculiaridades presentes em toda uma região.

Se, por exemplo, observarmos uma obra, escrita no Brasil nos anos 1930, onde são retratados os costumes, dificuldades, visões e paradigmas de uma sociedade em constante mudança, onde a obra parte de um ponto "local", determinada região e seus habitantes, com sua cultura e seus costumes, poderíamos perceber que essa determinada obra insere dentro de si uma cultura de determinada região do Brasil, um país que possui diversas culturas em seu *locus territorial*.

A obra pertence a uma "escola literária" possuindo características estéticas e específicas desse movimento, onde consolidaram em suas obras os mais variados temas relativos à sociedade da década de 1930, como por exemplo, questões sociopolíticas. Se analisarmos a obra pelo viés local-regional certamente conheceremos a cultura de determinada região específica do Brasil, os modos e culturas presentes nessa região, seus costumes e pensares, mas, porque não analisarmos as obras literárias umas em relação às outras ou em relação a outras culturas, olhares e posições.

No campo da literatura quem se ocupa em analisar as obras em relação às outras, a outros olhares, de diferentes referências e posições, que propõe enxergar a literatura regional de forma descontextualizada é a Literatura Comparada. A obra literária permite-se ser

analisada a partir de vários referenciais, a Literatura Comparada, uma ciência da literatura que surgiu no século XIX, e que tem como proposta comparar literaturas, apesar de ser difícil delimitar o campo de atuação de tal disciplina, pois seus conteúdos e objetivos mudam constantemente, sua tarefa seria, porém, analisar comparativamente duas ou mais literaturas. No entanto, este procedimento nunca foi uniforme, pois sempre se recorreu a métodos diferenciados e não apenas uma orientação a ser seguida. Podemos perceber que o método (ou métodos) não antecede à análise, como algo previamente fabricado, mas dela decorre. Aos poucos torna-se mais claro que literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de "comparação". Uma vez que os estudiosos deste campo abordavam objetos variados, trabalhando assim com um amplo espectro de ação, o que destaca o caráter de complexidade da Literatura Comparada.

O surgimento da Literatura Comparada segundo Carvalhal (2004, pag. 8) se deu no início do século XIX na Europa “época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais.”. Entretanto alguns consideram que desde o surgimento da literatura já se faziam comparações entre literaturas, e é no século XIX que tal método foi aperfeiçoado e virou disciplina acadêmica. Nitrini (2010) afirma que:

As origens da literatura comparada se confundem com as da própria literatura. Sua pré-história remonta às literaturas grega e romana. Bastou existirem duas literaturas para se começar a compará-las, com o intuito de se apreciar seus respectivos méritos, embora se estivesse ainda longe de um projeto de comparativismo elaborado, que fugisse a uma mera inclinação empírica.[...] Ao que tudo indica, a expressão “literatura comparada” derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou contrastar servia como um meio para confirmar uma hipótese (p. 19-20).

Não podemos deixar de compreender que o termo Literatura Comparada surgiu justamente em um período de formação das grandes nações, quando novas fronteiras estavam sendo erguidas, e questões como cultura e identidade nacional estavam sendo discutidas em toda a Europa, por isso, a Literatura Comparada tem uma forte ligação com a política e a cultura.

Apesar de a Literatura Comparada ter diferentes acepções e ter divergências criadas pelos diversos teóricos em diferentes épocas e contextos, relativas à sua metodologia, objetivo e objetos de estudo, é um pouco depois de sua criação como disciplina acadêmica, que um dos mais importantes pensadores e escritor alemão, Goethe em conversa com seu então secretário Peter Eckermann, em 1927, propôs o conceito de *Weltliteratur* (literatura Mundial) onde toda

forma de literatura produzida no mundo deve ser considerada patrimônio da humanidade, onde manifestam denominadores comuns às literaturas do mundo, um manifesto que intermedeia as literaturas nacionais intercambiando seus valores ideais (HEISE, 2000, p. 77).

A relação entre *Weltliteratur* e Literatura Comparada, é que o primeiro tornou-se um conceito aplicado e inúmeras vezes citado no contexto da Literatura Comparada, como literatura geral, porém se entendermos Literatura Comparada como um recurso analítico e interpretativo, um ato empregado em estudos críticos, nesses termos Literatura Comparada e *Weltliteratur* implicariam um processo dinâmico de trocas interculturais. “Literatura mundial, *Weltliteratur*, *World literature*, é o termo proposto por Goethe para o campo do saber que hoje constitui a Literatura Comparada” (LOBO, 1987, p. 32). Percebe-se que o termo *Weltliteratur* se presta a diferentes interpretações.

O conceito de *Weltliteratur* propõe romper fronteiras, interpretar que diferentes literaturas sempre terão pontos em comum com diferentes culturas, e que conseguiram comportar em seu *locus*, um discurso transnacional, algo que pode romper fronteiras, culturas e proporcionar as mais variadas visões sobre os temas tratados dentro da literatura. Seria partir para o universal sem desprezar o local, observando denominadores comuns às literaturas, culturas e situações do mundo. Observemos as considerações de Heise (2000) a respeito do conceito de *Weltliteratur*: “[...]o conceito de *Weltliteratur* se amplia para abarcar a ideia de interação das literaturas entre si. É preciso olhar “para fora do nosso “apertado ambiente” como forma de ampliação de horizontes e de troca profícua de experiências” (p. 79).

Podemos depreender que propor uma análise literária que tenha como base a interação entre esses elementos do discurso e que possa ampliar a visão sobre ela mesma (a literatura) de certo modo é a proposta da *Weltliteratur* (literatura Mundial). Desde os princípios da humanidade, início da sociedade ocidental, desde o começo da produção literária pelos homens sempre houve um ponto em comum entre todas essas produções, independente do hemisfério, país, estado, região e local que eram produzidas elas sempre giravam em torno da condição humana. O homem querendo, ou não, sempre foi um ponto em comum entre todas essas produções, épocas, escolas, culturas. Dentro do discurso literário presente em todas essas obras o homem sempre foi fato presente. E é aí que vem o caráter universal de toda literatura. O homem é local, mas ao mesmo tempo universal, e o discurso literário por meio da visão da *Weltliteratur* pode ser interpretado de maneiras diferentes ao mesmo tempo em que pertence a todo o mundo e não a uma região específica, a literatura mundial de Goethe, propõe não só a interação entre culturas e discursos, mas ampliar a visão sobre a própria literatura, desmistificar os conceitos de literatura nacional, regional, local, olhar a literatura

como globalizada, sem desprezar suas características e escolas, porém propor que seja analisada também independente de época e da região.

3 – UMA VISÃO GLOBALIZADA DA LITERATURA

Na sociedade globalizada em que vivemos, onde os meios de comunicação estão cada vez mais avançados, e o acesso à informação é cada vez mais amplo, é impossível não pensar na literatura como fonte de informação. Já que vivemos em um mundo onde as barreiras entre o conhecimento, a economia e as sociedades são completamente invisíveis e quase inexistentes, porque não falar da literatura como algo ilimitado do ponto de vista da nacionalidade?

A literatura é uma forma de comunicação social, de interação humana, por meio da qual obtemos informações sobre cultura, política e conhecemos lados da sociedade que não conhecemos. Toda literatura carrega em seu bojo algo que a liga diretamente ao seu contexto de produção, mas a literatura também possui um lado geral, ou universal, que pode ser relacionado à sociedade de maneira geral, de forma globalizada.

A literatura tem a capacidade de proporcionar ao leitor uma ampliação de seus horizontes culturais, informacionais e perceptivos sobre o mundo. Não só nos seus elementos internos, ou seja, na estrutura da obra, como também em seus elementos externos, ou seja, no contexto em que foi produzida ou está inserida. É nesse contexto que estão presentes elementos que podem possibilitar ao leitor que não só amplie, mas passe a enxergar o mundo de maneira diferente da usual.

Essa maneira usual seria enxergar o mundo a partir de um ponto de vista comum, apenas observando os fatos que acontecem em sua sociedade e aceitá-los, sem ao menos questionar, analisar e opinar sobre esses acontecimentos de ordem social, política e cultural, assuntos que envolvem todos os setores da sociedade. Esse comportamento de enxergar o mundo sem questionar e refletir leva o leitor a encarar o mundo e a literatura de maneira limitante, pois deixa-se de enxergar o que esses têm a lhe oferecer e passa-se a simplesmente aceitar tudo aquilo que é imposto e dito pela sociedade como padrão de comportamento e até mesmo fatos e verdades muitas vezes duvidosas.

A literatura deve funcionar como instrumento de formação crítica para o leitor, pois apresenta em seu discurso várias maneiras diferentes de entrever o mundo. Presentes nesse discurso são discutidos os mais variados temas da sociedade e as mais diversas situações que envolvem a condição humana.

O grande problema é que a academia cria rótulos e juízos de valor ao caracterizar determinadas obras como pertencentes a um país ou a outro. A literatura tem o poder de romper essas fronteiras, mas para isso o leitor deve deixar de lado essa pré-disposição imposta

pelos cânones literários e comerciais e se ater ao que a obra literária pode lhe oferecer em termos de informações para o enriquecimento do seu senso crítico, porque pode colocar o leitor em confronto com determinadas situações e discursos que envolvem o seu mundo e outras experiências das quais ele desconhece.

Por que então considerar uma obra literária pertencente a determinado país ou região se todas elas são produzidas pelas mãos humanas e todas elas têm esse elo que as ligam entre si? A noção que temos de literatura nacional e regional são aquelas criadas pelos cânones literários e pela academia que praticamente impõem sua vontade ao leitor e fazem uma territorialização da literatura atribuindo um caráter fechado do ponto de vista da nacionalidade.

É uma visão limitadora por parte do leitor que, por influência dos cânones, passa a enxergar o espaço literário como não globalizado. Por exemplo, se uma obra é escrita na França, ela é limitada a ser francesa por apresentar características culturais desse país, por representar lugares dentro da construção da obra que estão dentro da França, ou por sua intenção de discutir problemas ocorridos nesse lugar em determinada época da história.

É perceptível que essa noção de nacionalidade e regionalidade não se enquadram no objeto literário já que toda obra considerada literária² não pode ser confinada num espaço limitado como o espaço socio-histórico e cultural, o discurso literário, se realmente for literário, naturalmente ele “se refere ao mundo” (RICOUER, 2000, p. 322).

Literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura francesa são apenas rótulos frutos de uma visão equivocada onde a literatura está sendo cerceada pelos leitores de seus verdadeiros valores universais, de sua capacidade de exprimir o mundo. A literatura tem a capacidade de ultrapassar esses limites, através da universalidade da linguagem literária. Os regionalismos encontrados dentro da obra literária são apenas uma circunscrição do espaço físico representado na obra, espaço esse que deve ser também universalizado pelo leitor assim como no caso dos personagens e suas condições sociopolíticas que são tipificados nacionalmente (literatura brasileira, portuguesa, italiana e etc.).

Algumas obras como, por exemplo, “Cem anos de Solidão”, de Gabriel García Márquez têm como cenário físico um país fictício chamado “Macondo”. Como olhar para uma obra que em sua construção nos leva a um lugar fictício? Ou rotularíamos a obra como colombiana pela origem de seu autor? Isso só certifica que não devemos nos ater a esse tipo de rótulo quando consideramos ler qualquer obra literária. Outras obras, como “As

² Texto literário tem função estética, não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras; importa não só o que se diz, mas também como se diz.

intermitências da morte” de Saramago, trazem à tona um assunto tabu na maioria das sociedades ocidentais: a morte. Saramago desdobra seu discurso sobre a morte - tema universal que está presente na história humana desde sempre, dentro do contexto de um país fictício que representa um território universal. Como poderíamos considerar essa obra portuguesa se nela são tratados assuntos de cunho universal?

Já os “Os Bruzundangas” de Lima Barreto obra que apresenta situações de um país fictício, onde o foco é tratar com tom irônico a formação política desse país. Esse discurso presente na obra pode ser introduzido em contextos dos mais diversos países do terceiro mundo porque tem uma forte presença na sociedade ocidental. Percebe-se que em obras como “Os Bruzundangas” e “As intermitências da morte” há um discurso de teor universal já que nelas são tratados e discutidos temas que estão fortemente presentes nas sociedades ocidentais. Quando o leitor caracteriza tais obras como pertencentes a essa ou aquela literatura, ele está atribuindo um caráter finito à obra.

Outra situação interessante que pode ser comentada é a da obra “Nação Crioula” de Aguialusa, esta obra onde o autor ressuscita um personagem criado por Eça de Queirós, Fradique Mendes, para narrar às contradições e os conflitos das sociedades coloniais. Durante sua construção, o personagem principal passa por diversos lugares o que cria uma espécie de triângulo pátrio. Portugal, Angola e Brasil são as regiões visitadas por Fradique, o que leva a questionar que nacionalidade teria essa obra, escrita por um autor angolano, tendo um personagem português e que se passa a maior parte de sua circunscrição física no Brasil. “Nação Crioula” é mais um exemplo que de que o leitor não deve nacionalizar uma obra pelo espaço físico retratado na obra e/ou pela nacionalidade de seu escritor, “Nação Crioula” é sim uma obra universal, porque leva o leitor a uma viagem intercultural entre três países distintos que possuem uma única coisa em comum, a língua.

Esse entendimento de viagem interculturais surge a partir do conceito de *Weltliteratur* cunhado por Goethe em 1827. A noção que Goethe nos traz surge exatamente para retirar a característica de que o ato de regionalizar a obra não é intrínseco a ela, mas advindo de um cacete do leitor em rotular a literatura.

É a partir do conceito de literatura mundial de Goethe que podemos depreender a ideia de transnacionalidade da literatura. Entender a literatura como instrumento de trocas interculturais e manifestação do universal nas sociedades. Olhar a literatura como globalizada na prática de leitura é justamente propor analisá-la independente de sua época ou região em que foi produzida.

Goethe propôs enxergar a literatura, como “patrimônio comum da humanidade” algo universal a todas as nações. Essa proposta de Goethe põe em cheque a noção de literatura regional, e propõe uma reflexão sobre o que realmente é importante considerar no ato de leitura:

(..) Cada vez mais me parece”, Goethe Continuou “que a poesia é patrimônio comum da humanidade e que todos os lugares e em todos os tempos se manifesta em centenas de pessoas (...) o dom poético não é assim tão raro e não há razão para nos orgulharmos quando compusermos uma poesia boa. (...) se não olharmos para fora do nosso apertado ambiente, caímos facilmente nesta ignorância pedante. É por isso que gosto de me informar do que se passa nos outros países e aconselho a todos que procedam assim. Literatura nacional não quer dizer muita coisa: chegamos ao momento da literatura mundial e todos devemos contribuir para apresarmos o advento de tal época. Nesta apreciação das coisas estrangeiras não devemos cair na limitação a uma coisa e considerá-la como modelo (...) Goethe, 1927. (ECKERMANN, 1947, p. 161).

Segundo Goethe a ideia de uma literatura mundial surge da crença na existência de um constante processo de efeitos recíprocos entre as diversas literaturas nacionais. “O vasto mundo, tão expandido quanto ele seja, é sempre apenas uma pátria ampliada” (GOETHE, apud BOERNER 1964, p. 132), ou seja, entrever o mundo sem fronteiras é que nos torna aptos a perceber as literaturas do mundo ocidental diretamente ligadas umas as outras, como uma teia, onde todas estão ligadas de alguma forma.

A *Weltliteratur* é uma ideia que surge para derrubar a noção de literatura nacional como sempre foi vista, essa proposta parte justamente do princípio de que existe um ponto congruente entre as literaturas produzidas no mundo, o homem. A *Weltliteratur* é a manifestação na obra literária do ser humano que está presente em todos os cantos do mundo e por isso é global. Literaturas produzidas em diferentes países carregaram em seu discurso questões relacionadas ao homem, que definitivamente não poderão ser limitadas pelo contexto de produção da obra.

A *Weltliteratur* proporciona uma base para perceber que a obra literária não pertence somente à determinada região do mundo, e que há dentro dela elementos que, se reconhecidos, transpassam a ideia de autor, local de produção e espaço da obra. Tornando-se universais no ponto de vista do leitor, mas tudo isso depende do processo de interpretação e leitura em que está envolvido o leitor.

Regionalizar uma obra no ato de leitura é colocar a obra em posição de desvantagem na questão da interpretação, porque retira da obra a capacidade de dialogar com as mais diferentes culturas e as mais diferentes visões sobre o discurso presente no texto.

O leitor, durante o ato de interpretar a obra, deve conhecer o contexto em que ela está inserida e não descartá-lo, mas deve também descontextualizar essa obra trazendo-a para um novo contexto, universal, para que o discurso se relacione com o mundo, com o universal, “é desvendar o mundo ao qual ela se refere em virtude de sua “disposição”, de seu “gênero” e de seu “estilo”” (RICOUER, 2000, p. 337), não somente pela cultura e contexto em que foi produzida e não só pela nacionalidade do autor.

Por isso é importante questionar a noção de nacionalidade da literatura, para que possamos ampliar a maneira de descortinar a própria literatura, “decifrar o texto como um mundo e o mundo como um texto” (ECO, 2001, p. 30).

A literatura deve ser percebida pelo leitor como fruto de reflexões e questionamentos humanos, e por isso apresenta elementos que são comuns ao homem e que estão presentes na vida de toda a sociedade, não só como processo de identificação individual e regional, mas como meio de criação de uma consciência sobre o que é a sociedade e que relação o homem tem com ela.

A interpretação e o ato de leitura são processos democráticos e por si só, a questão da diversidade de interpretação é uma forma de democracia, ao permitir que o texto literário seja o lugar da discordância de múltiplas vozes e leituras, principalmente as que envolvem o discurso literário. Para enfatizar essa questão da interpretação podemos meditar sobre a opinião de Umberto Eco:

(...) Algumas interpretações captam com mais profundidade do que outras a estrutura do texto”. Portanto, um texto deve ser tomado como parâmetro de suas interpretações (embora cada nova interpretação enriqueça nossa compreensão daquele texto, ou seja, embora cada texto seja sempre a soma de sua manifestação linear mais as interpretações que dela foram dadas). Mas para tomarmos um texto como parâmetro de suas interpretações, necessitamos admitir que, pelo menos um instante, que exista uma linguagem crítica que age como metalinguagem e permite a comparação entre o texto, com toda a sua história, e a nova interpretação (ECO 2000, p. 16).

É tomando como base as ideias de Eco (2000), que cada texto deve ser encarado como um todo, como a soma de todas as suas interpretações e não só com base em uma única visão. Um texto literário possui uma gama de discursos inesgotáveis independente qual seja o contexto de produção, porém “Depois que um texto foi produzido, é possível fazê-lo dizer muitas coisas – mas é impossível – ou pelo menos criticamente ilegítimo – fazê-lo dizer o que não diz.” (ECO, 2000, p. 81), por isso o leitor deve assumir sim que um texto independente qual seja tem características regionais, mas antes que se mergulhe no que há de regional deve-

se procurar o universal percebendo na obra a capacidade dela dialogar com as mais variadas culturas e situações.

Entender a obra literária através de multireferenciais é ampliar a compreensão da mesma. “Um texto é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões”, (ECO, 2001, p. 45) por isso, encarar um texto como pertencente a uma só região ou país é castrar a possibilidade que ele tem de permitir diversas interpretações e nos levar a diversos lugares dentro de seu discurso.

Esse processo de leitura e interpretação envolve o ato de primeiramente contextualizar a obra literária situando-a em seu contexto de produção e retirando informações importantes para o entendimento dos assuntos tratados na obra, assim também, retirando informações importantes implícitas na obra, como a cultura em que está inserida e suas características individuais como por exemplo a linguagem e o estilo nela presentes. “Assim, o próprio ato da leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor (conhecimento de mundo) e o tipo de competência que o texto postula” (ECO, 2001, p. 80), ou seja, o leitor deve sempre levar em conta tanto o contexto como as características individuais.

Outro ato durante o processo de leitura é o de descontextualizar a obra escolhida que é importante para não ficarmos em uma “perspectiva endógena” (HEISE, 2000, p. 79), em uma perspectiva interna do discurso, ou seja, regionalizar, limitar e castrar o discurso literário presente na obra ao seu contexto de produção.

Deixar de descontextualizar e permanecer na perspectiva endógena tem como consequência a rejeição do que podemos chamar de troca intercultural, ou seja, uma visão para fora do ambiente de produção da obra, uma troca profícua de experiência com o discurso que a obra engendra, tornando a literatura como objeto mundial e universal.

Isso só pode acontecer se o leitor tomar uma postura de descontextualização diante da obra para que possa enxergar o discurso de forma universal. O discurso desvinculado do seu contexto de produção podendo assim relaciona-lo com outros contextos outras experiências e reconhecer neles o que há de humano. Por isso podemos perceber que desmistificar a regionalização da literatura depende do leitor e de sua capacidade de entrever a literatura como representação do universal e não unicamente do nacional.

4 - CONCLUSÃO

O leitor tem um papel importante no processo de desmistificação do emblema de regionalidade na literatura, pois é dele a capacidade de entrever a literatura como representação universal e não só regional. Portanto o leitor deve deixar de lado por um instante aquilo que lhe é imposto pela academia e enxergar o vasto mundo de discursos presentes na obra literária assim como reivindicar para sua leitura e interpretação o importante papel da visão universalizadora incitada por Goethe em seu conceito de *Weltliteratur*.

Assim a pré-disposição de se ater a nacionalidade pré-determinada das obras literárias seria capaz de esmaecer, possibilitando ao leitor desfazer-se de uma visão limitadora de que a obra literária pertence unicamente a determinado país ou região, mas pertence sim ao mundo.

Ao mesmo tempo a aplicabilidade do conceito de *Weltliteratur* possibilita o leitor ter a liberdade de primeiramente fazer uma leitura por si só e agregar a essa leitura contextos de diferentes sociedades e épocas para depois enxergar a obra sob o seu contexto sócio-histórico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: MEC, 2000.
- BOERNER, Peter, Johann Wolfgang Von Goethe in Selbstzeugnissen und bilddokumenten. Reibek bei Hamburg, Rowohlt, 1964.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Série Princípios Ática, 2004.
- CARVALHO, D. B. A. *A leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sócio-histórico*. In: AGUIAR V. T.; MARTHA A. A. P. (Org.) *Territórios da leitura da literatura aos leitores*. São Paulo: Unesp, 2006. Pag. 127-141.
- ECKERMAN, Johann Petter. *Conversações de Goethe com Eckermann*. Trad. Luís Silveira. Porto. Livraria Tavares Miranda, 1947.
- ECO, Umberto. *Os Limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo. Editora Perspectiva, 2000.
- _____. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo. Trad. MF. Martins Fontes, 2001.
- HEISE, Eloá. Goethe, *Um teórico da transnacionalidade*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Niterói: Abralic, n. 5, p. 77-84, 2000.
- LOBO, Luíza. *Teorias Poéticas do Romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1987.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada (História, Teoria e Crítica)*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010. v. 1. 303p.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo. Edições Loyola, 2000. 500p.